

Cristo no Saco

Gil Sibin — 23 de fevereiro de 2013



Cristo no Saco, série Fotografia Clínica — Mauricius Farina, 2013

A série fotográfica *Fotografia Clínica*, da qual *Cristo no Saco* faz parte, reúne 22 fotografias coloridas e tem como eixo condutor a inter-relação entre o homem, as mercadorias e o consumo. A obra, de autoria do fotógrafo e professor Mauricius Farina, é resultado de três anos de pesquisa e integra seu objeto de tese de doutorado.

A imagem apresenta um crucifixo envolto em um saco plástico de supermercado, disposto sobre uma superfície plana. A fotografia remete o olhar, de imediato, para a área superior central, onde se lê a inscrição "INRI" — acrônimo de Jesus Nazarenus Rex Iudaeorum. Essa é a única parte não coberta pelo invólucro, anunciada pela luz vinda do lado esquerdo, que projeta uma sombra densa na direção oposta, reforçando a ideia de centralidade e dramaticidade da cena.

A ponta do crucifixo pressiona o saco plástico, que assume o lugar do manto "sagrado", ao mesmo tempo em que envolve, protege e oculta o objeto central. A figura desempenha papel de grande expressividade na cena fotográfica. As linhas translúcidas do invólucro — ora retas, ora circulares — fazem emergir um "véu" que simultaneamente revela e esconde a figura do Cristo crucificado, forçando o olhar do observador a se deter.

Quanto ao plano de representação, a fotografia é organizada em três estruturas: o centro superior, marcado pela ponta do crucifixo; o centro inferior, que direciona o olhar para a base; e o eixo central do objeto, que organiza a composição. O uso das linhas, do plano e da textura como elementos básicos constrói uma cena que dá máxima importância ao invólucro que envolve o objeto central da fotografia.

A natureza estética da imagem — marcada por linhas e pontos — pode ser observada também nas palavras impressas no saco plástico, que se contrapõem ao crucifixo, criando uma tensão visual sustentado pelo equilíbrio das formas e pelo deslocamento dos movimentos, organizados pela luminosidade, ritmo e contraste.

A forte presença das linhas como elemento visual de primeira ordem ora determina pontos sombreados, ora assume o contorno da cena, conferindo volume estrutural aos objetos e evidenciando sua tridimensionalidade. A narrativa visual acentua o deslocamento e o conflito entre forma e conteúdo.

Na abordagem dos aspectos mais complexos da leitura e simbologia da obra, é importante tecer algumas considerações. A imagem apresentada não é a do próprio Cristo na cruz, mas uma interpretação que recontextualiza a cena original — uma reconstrução simbólica que utiliza elementos do cotidiano "real". Sabemos que não estamos diante do próprio Cristo, tampouco da cruz em si, mas de um signo que representa ambos.

O saco plástico de supermercado, elemento banal do consumo contemporâneo, não substitui apenas a função original do manto: ele transforma-se em objeto de significação crítica. Assim, ao combinar imagens de objetos distintos — o crucifixo e o saco plástico — e ao produzir uma análise por justaposição, novas leituras emergem desse "diálogo", ampliando as possibilidades de relações entre signos e objetos que se aplicam ao cotidiano.

Ao nos depararmos com a imagem intitulada *Cristo no Saco*, Farina provoca o observador a pensar. Afinal, que relações simbólicas estão sendo propostas? Isoladamente, podemos compreender o crucifixo como um símbolo religioso e o saco plástico como um ícone do consumo. Juntos, constroem uma imagem que tensiona valores, crenças e práticas sociais contemporâneas.

No entanto, só é possível estabelecer essas conexões porque interpretamos os símbolos a partir de regras internalizadas por nossa formação cultural. Reconheço o significado da palavra "cinismo", reconheço no nome da foto um deslocamento crítico, e reconheço também porque vivo nesta sociedade do consumo e observo seus comportamentos.

Ao propor esse "recorte", o fotógrafo Mauricius Farina apresenta não apenas um objeto estético, mas um processo discursivo: ele seleciona e organiza informações que revelam um sistema de valores. Esse é o papel do artista em qualquer tempo e circunstância — conhecer, provocar, refletir.

Olhos atentos, em constante movimento, são capazes de ver e ressignificar sentidos, rotas e direções.